OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO DIAGNÓSTICO TARDIO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM ADULTOS

Christiane Moraes de Brito; Juliana Thaís dos Santos; Stella Giovana Santos de Oliveira Bragança [1]

Professora Orientadora: Carla Oliveira Cruz Ribeiro

RESUMO

Os resultados psicológicos com o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em adultos interferem de diferentes formas para a construção de vida após anos de adaptação social e de sofrimento sem explicações claras. O estudo teve como objetivo analisar os principais impactos relacionados ao diagnóstico tardio do TEA em adultos discutindo implicações para a atuação clínica, em especial na abordagem cognitivo-comportamental. Trata-se de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza exploratório-descritiva. Os resultados indicam que a camuflagem social foi o achado mais recorrente nos estudos que também associam exaustão emocional, tristeza pelos anos sem suporte e alívio pelo diagnóstico. Conclui-se que a ausência de reconhecimento e suporte está associada ao sofrimento psíquico, tornando a Terapia Cognitivo-Comportamental, quando adaptada ao público autista, uma fonte de contribuição importante para a psicoeducação, reestruturação das crenças e ressignificação da identidade do indivíduo adulto com TEA.

Palavras-Chave: Autismo. Adultos. Impactos psicológicos. Diagnóstico tardio. Psicologia.

ABSTRACT

The psychological outcomes of late diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD) in adults interfere in various ways with life construction after years of social adaptation and suffering without clear explanations. This study aimed to analyze the main impacts related to late diagnosis of ASD in adults, discussing implications for clinical practice, especially in the cognitive-behavioral approach. This is a bibliographic research, with a qualitative approach and exploratory-descriptive nature. The results indicate that social camouflage was the most recurrent finding in the studies, which also associate emotional exhaustion, sadness from years without support, and relief from the diagnosis. It is concluded that the absence of recognition and support is associated with psychological suffering, making Cognitive-Behavioral Therapy, when adapted to the autistic population, an important source of contribution to psychoeducation, restructuring of beliefs, and re-signification of the identity of the adult individual with ASD.

Keywords: Autism. Adults. Psychological impacts. Late diagnosis. Psychology.

---

[1] Alunos do curso de graduação em bacharel em Psicologia do Centro Universo Belo Horizonte.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se define como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado pela dificuldade na comunicação, interação social e comportamentos restritivos ou com padrões repetitivos, sendo uma condição permanente e que apresenta variações em gravidade e manifestação. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR) classifica o TEA como um transtorno do neurodesenvolvimento (American Psychiatric Association, 2023).

O diagnóstico do TEA em pessoas adultas possui diversos desafios, principalmente quando comparado aos critérios observados na infância, uma vez que os instrumentos avaliativos em sua maioria foram validados por meio de amostras infantis. Essa ausência de instrumentos validados para adultos cria maiores dificuldades na identificação dos traços do autismo em adultos, especialmente quando se trata de sintomas sutis ou que foram compensados parcialmente com estratégias adaptativas criadas pela própria pessoa (Silva; Souza, 2026).

A escolha do tema justifica-se na sua relevância nos contextos acadêmico e social, bem como no campo da Psicologia sob a abordagem cognitivo-comportamental, uma vez que o diagnóstico do TEA em adultos ainda é frequentemente realizado de forma tardia, o que traz importantes consequências para essa população.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como problema de pesquisa a seguinte questão: quais são os principais impactos psicológicos associados ao diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista em adultos?

Parte-se da hipótese de que adultos diagnosticados tardiamente com TEA podem apresentar sofrimento psicológico associado a uma trajetória marcada por dificuldades de interação social, camuflagem, sentimentos de inadequação e ausência de compreensão e suporte adequados, podendo estar presentes sintomas de ansiedade e depressão.

O objetivo geral deste estudo é analisar os impactos psicológicos do diagnóstico tardio do TEA em adultos, considerando as vivências anteriores e posteriores à sua confirmação, discutindo implicações para a atuação clínica, em especial na abordagem cognitivo-comportamental. Os objetivos específicos são: analisar os principais desafios para o diagnóstico do TEA em adultos; identificar os impactos psicológicos anteriores e posteriores ao diagnóstico; discutir implicações desses impactos para o manejo na abordagem cognitivo-comportamental.

Este estudo se desenvolve por meio de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza exploratório-descritiva, sem coleta de dados primários junto a participantes. Diante

desse cenário, compreender o TEA na vida adulta é fundamental para ampliar a produção científica sobre o tema e subsidiar práticas clínicas mais alinhadas a essa população apresentando no seguinte artigo os principais pontos relevantes na busca por identificação e proposições sobre a abordagem do tema com ênfase no campo da psicologia.

1.1 Referencial Teórico

1.1.1 Transtorno do Espectro Autista na vida adulta

Historicamente, a compreensão clínica sobre o TEA está ligada aos sinais percebidos ainda na infância, fase na qual está concentrada a maior parte das pesquisas, protocolos e políticas públicas. O diagnóstico precoce desempenha um papel importante na melhoria do prognóstico, mas essa concentração de saberes na infância contribuiu, por muito tempo, para a ausência de expansão dos estudos clínicos sobre a vida adulta autista, manifestando-se de maneiras distintas conforme as demandas sociais vivenciadas em cada fase de sua trajetória, o que exige uma percepção específica da Psicologia (Alves, 2024).

Segundo Volkmar e Wiesner (2018), o diagnóstico em adultos que fazem parte do espectro autista cria maior necessidade de métodos que considerem o desenvolvimento ao longo da vida, considerando que as manifestações do autismo podem se modificar e se adaptar na medida em que os indivíduos crescem e se desenvolvem, sendo fundamental, nesses casos, uma abordagem multidisciplinar para um diagnóstico preciso.

> A avaliação para diagnóstico de um possível Transtorno do Espectro do Autismo em adultos deve seguir uma estrutura que inclui várias etapas. Inicialmente, uma entrevista clínica é conduzida, durante a qual é crucial ouvir atentamente o relato do paciente. Além disso, a observação direta do comportamento do paciente é essencial, juntamente com o uso de escalas de observação para registrar comportamentos característicos do TEA. Tanto autorrelatos quanto relatos de familiares são importantes fontes de informação (Americano, 2024, p. 15).

Nesses casos, faz-se necessária uma abordagem de forma mais sutil e contextual, considerando o funcionamento adaptativo e as demandas sociais vivenciadas pela pessoa. Assim, a avaliação deve ir além dos critérios tradicionais e precisa ser incorporada a observações sobre características específicas para garantir a identificação precisa (Del Porto; Assumpção, 2023).

Além disso, históricos médicos obtidos por meio dos relatos de alguém que tenha convivido com a pessoa afetada durante a infância, relatórios escolares ou psiquiátricos prévios são fatores que fornecem informações úteis a serem avaliadas para verificar a existência de fatores relevantes à análise e ao diagnóstico (Andrade et al., 2026).

> Quando se trata do autista adulto, os sinais podem se chocar com o padrão normativo de adaptabilidade esperado pela sociedade, em decorrência de dificuldades na compreensão de pistas sociais e na assimilação de situações com informações implícitas, problemas em manter contato visual, adversidade em coordenar simultaneamente gestos verbais e não verbais e em apresentar linguagem corporal atípica e rigidez cognitiva (Andrade et al., 2026, p. 4).

Essa análise garante a especificidade de cuidados ao compreender que adultos autistas enfrentam desafios próprios ao se inserir no mercado de trabalho, na construção de seus relacionamentos, na gestão de vida cotidiana e dentro de todas as áreas de sua vida por buscarem se adaptar ao que é esperado pela sociedade (Volkmar; Wiesner, 2018).

Uma anamnese detalhada, nesses casos, inclui tanto o indivíduo quanto um familiar que possa dar suporte ao entendimento do histórico do paciente. Assim, o uso das escalas de observação e autorrelato se torna importante para a avaliação dos comportamentos típicos do TEA e para a identificação de possíveis comorbidades (Americano, 2024).

Diante desse cenário, compreender o TEA na vida adulta é fundamental para ampliar a produção científica sobre o tema e subsidiar práticas clínicas mais alinhadas a essa população, criando maior acolhimento das intervenções, diagnóstico e a percepção sobre a fase de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra (Alves, 2024).

1.1.2 Desafios para identificação e diagnóstico do TEA em adultos

Segundo Americano (2024), diversos instrumentos têm sido utilizados e adaptados para a população adulta como o *Autism Spectrum Quotient* (AQ), o *Social Responsiveness Scale* (SRS-2) e entrevistas estruturadas como o *Autism Diagnostic Interview-Revised* (ADI-R). Entretanto, mesmo sendo amplamente difundidos, esses instrumentos ainda possuem limitações quanto à sua validade e confiabilidade em contextos sociais diversos, incluindo o Brasil (Americano, 2024).

> Ao contrário do que ocorre na infância, a identificação do TEA em adultos apresenta desafios bastante peculiares devido à inexistência de marcadores biológicos específicos para o transtorno, fazendo com que a avaliação dependa, muitas vezes, de instrumentos psicométricos e da análise clínica detalhada. Ademais, aspectos como estratégias de camuflagem social, diversidade de manifestações e presença de comorbidades tornam o processo ainda mais complexos. Assim, os instrumentos de rastreamento assumem um papel essencial, pois funcionam como uma primeira porta de entrada para a suspeita diagnóstica, contribuindo para o encaminhamento adequado e oportuno (Silva et al., 2026, p. 3).

Além da limitação dos instrumentos, a ausência de profissionais que possuem formação suficiente para compreender as manifestações do TEA em fase adulta aumenta o risco de diagnósticos que podem ser realizados de maneira equivocada ou tardiamente. Os sintomas, nesses casos, podem ser confundidos com ansiedade, depressão e transtornos de personalidade (Lima; Furtado; Anache, 2025).

Também, fatores relevantes como a variação da apresentação clínica do TEA em adultos podem ser um desafio, visto que as diferenças de gênero, cultura, nível intelectual e contexto social tendem a apresentar formas de expressão diferentes e contribuir para a dificuldade no diagnóstico correto dada a especificidade (Volkmar; Wiesner, 2018).

Outro ponto relevante em relação à discussão dos desafios trata do impacto que o diagnóstico tardio ou incorreto pode causar na vida do adulto com TEA. Essa ausência de acolhimento durante sua trajetória de vida pode marcar o crescimento do indivíduo com incompreensões, dificuldades e relatos de sentimentos de inadequação juntamente com o isolamento social pela falta de explicação clara de suas vivências (Neta, 2026).

Considerando tais limitações, a avaliação diagnóstica em adultos necessita incorporar uma investigação criteriosa por meio da observação do histórico de desenvolvimento do indivíduo, incluindo relatos familiares, registros médicos, escolares e vivências da infância como uma estratégia que permite a identificação dos padrões comportamentais e dificuldades persistentes desde os primeiros anos de vida (Lima; Furtado; Anache, 2025).

Nesse contexto, os desafios apresentam a necessidade de aprimoramento dos processos avaliativos evidenciando a importância da atenção voltada para a população adulta que possui TEA de forma a garantir maior precisão na identificação e encaminhamento adequado para o acompanhamento psicológico (Americano, 2024).

Diante do exposto, os desafios relacionados ao diagnóstico de TEA em adultos não se limitam aos instrumentos avaliativos, mas englobam questões relacionadas à formação profissional, histórico de vida e conhecimento sobre sua trajetória para identificação de diagnósticos tardios (Lima; Furtado; Anache, 2025).

1.1.3 Camuflagem social e trajetória de adultos com diagnóstico tardio do TEA

A camuflagem social se refere ao conjunto de estratégias utilizadas, de maneira consciente ou inconsciente, por pessoas que fazem parte do espectro autista para suprimir as características que possuem dentro do espectro e consequentemente reproduzir os padrões comportamentais existentes na sociedade, vistos como esperados como a manutenção do

contato visual, ensaio de falas antes das interações e a contenção de movimentos repetitivos de autorregulação. Esse mecanismo desenvolvido por autistas adultos é construído ao longo dos anos de convívio social, o que diminui as suspeitas do diagnóstico e dá maior ênfase à percepção tardia sobre o quadro clínico apresentado (Hull et al., 2017).

> Na vida adulta, a ausência de um diagnóstico formal não apaga as barreiras cotidianas da neurodivergência; pelo contrário, frequentemente se traduz em um histórico de sofrimento psíquico profundo, silencioso e invisibilizado. Sem o entendimento sobre o seu próprio funcionamento neurológico, a pessoa tende a internalizar suas dificuldades sociais como falhas de caráter, defeitos ou incompetência pessoal. Muitas dessas pessoas enfrentam uma exaustão mental crônica decorrente do esforço diário e contínuo para mimetizar comportamentos neurotípicos. Esse fenômeno é amplamente documentado na literatura contemporânea sob o termo camouflaging (Neta, 2026, p. 2).

O uso dessa camuflagem como estratégia pelos autistas adultos funciona como uma ferramenta de sobrevivência social, mas exige um monitoramento constante de suas ações como a própria expressão corporal, o que acaba gerando uma exaustão cognitiva e emocional de forma significativa. Todo esse esforço contínuo realizado e sustentado por anos sem nenhum tipo de suporte contribui para uma desconexão com a identidade que possui e dificulta o processo de suporte do diagnóstico (Neta, 2026).

Cumpre destacar que a camuflagem prolongada sem diagnóstico está associada a maior sofrimento psíquico, frequentemente acompanhado de diagnósticos equivocados ao longo da vida, nos quais sintomas de exaustão e ansiedade foram interpretados isoladamente, sem relação com o espectro autista (Carneiro; Sobral, 2026).

Nesse contexto, a camuflagem construída ao longo dos anos sem um diagnóstico contribui diretamente para o adiamento do reconhecimento sobre o próprio funcionamento neurológico e cria uma naturalização do sofrimento do indivíduo como parte da sua personalidade e não como uma resposta da condição que apresenta (Neta, 2026).

Cumpre ainda ressaltar que o esgotamento autista é uma consequência direta desse custo cognitivo e emocional acumulado ao longo do tempo e se caracteriza como um estado de exaustão física e mental profunda, no que se intensifica por um período antecedente ao diagnóstico, quando o indivíduo não consegue mais sustentar as estratégias adaptativas que utilizava ao longo de sua vida (Raymaker et al., 2020)

Nesse contexto, compreender a camuflagem social como um elemento estrutural na trajetória do adulto autista é essencial para que seja possível compreender como o impacto psicológico do diagnóstico tardio não representa somente um atraso técnico, mas um percurso

que prolonga o desgaste físico e emocional do indivíduo com as consequências adaptativas utilizadas para se adequar socialmente (Neta, 2026).

1.1.4 Impactos psicológicos associados ao diagnóstico tardio do TEA

Os impactos psicológicos associados ao TEA em indivíduos adultos não se restringem à confirmação clínica, mas passam pela trajetória de vida que antecede o diagnóstico. A falta de suporte adequado durante a infância e adolescência produz efeitos relevantes na fase da vida adulta com a acumulação de experiências de incompreensão, isolamento social e inadequação interpretadas pelo próprio indivíduo e por quem faz parte do seu convívio social (Neta, 2026).

A ausência do diagnóstico está associada a comorbidades psiquiátricas como ansiedade, depressão e até transtornos alimentares dada a falta de entendimento sobre os sentimentos e as necessidades que são pertinentes às pessoas do espectro autista, criando uma maior dificuldade de reconhecimento da sua própria identidade (Del Porto; Assumpção, 2023).

Entretanto, mesmo que tardio, o diagnóstico é considerado um marco terapêutico importante que permite a compreensão e a interpretação sobre a trajetória da pessoa, suas incompreensões, dificuldades, sentimento de culpa e busca por um suporte terapêutico adequado, podendo também nesta etapa, ser associado a sentimentos de raiva e equívocos causados por diagnósticos errôneos passados (Lupindo; Maw; Shabalala, 2023).

> Em estudos realizados, observou-se que o diagnóstico tardio do TEA e seus impactos na vida adulta apresentam maior incidência no público feminino, evidenciando-se, nesses casos, a presença de diagnósticos associados, como depressão, ansiedade e transtornosde personalidade. As dificuldades enfrentadas por indivíduos adultos no processo diagnóstico do TEA e para obtenção de suporte adequado diante dos acontecimentos é de grau elevado, indicando que os profissionais de saúde ainda possuem limitações quanto ao reconhecimento de sintomas diante do público supracitado, bem como na condução da prática clínica sensível frente às suas especificidades (Silva; Souza, 2026, p. 1717).

O impacto psicológico causado no diagnóstico tardio é particularmente mais intenso em pessoas adultas que estão no espectro autista e passaram despercebidas pelos critérios diagnósticos tradicionais por mais tempo, acumulando um histórico extenso de tentativas de adaptações e experiências mal compreendidas (Silva; Souza, 2026).

Diante disso, os impactos psicológicos do diagnóstico tardio refletem dois pontos principais, sendo esses o sofrimento acumulado ao longo da trajetória do indivíduo e suas comorbidades que são associadas ao processo identitário que o próprio diagnóstico pode desencadear (Carneiro; Sobral, 2026).

1.1.5 Ansiedade, depressão e sofrimento psíquico em adultos com TEA

A literatura científica aponta prevalência de transtornos de ansiedade e depressão em indivíduos que possuem TEA quando comparados à população neurotípica. Os sintomas estão entre as condições mais frequentemente observadas e são associados a prejuízos de natureza do bem-estar emocional, nas relações sociais e no desempenho funcional da pessoa, destacando que tais comorbidades dificultam o reconhecimento clínico dos sintomas (Carneiro; Sobral, 2026).

> Existe uma dificuldade para identificar as necessidades de regulação, executá-las apropriadamente, monitorar seu funcionamento de maneira consciente e realizar possíveis manutenções; assim, correlaciona-se uma pior RE — a recorrência de estratégias desadaptativas — a sintomas depressivos e ansiosos, os quais também são características dificuldades inerentes aos sintomas do TEA, como fator transdiagnóstico (Carneiro; Sobral, 2026, p. 131).

Especificamente ao tratar sobre a depressão, essa é uma das condições mais presentes em adultos que fazem parte do espectro autista e possuem fatores de risco maiores ao compreender que essas pessoas não possuem envolvimento em atividades sociais ou ocupacionais com maior frequência, devido ao sentimento de não pertencimento, o que está diretamente ligado ao maior isolamento social (Silva; Souza, 2026).

Um ponto importante a ser analisado reflete a relação entre a camuflagem e o risco de sofrimento psíquico grave, estando esses entre os fatores de sofrimento mais identificados em adultos que possuem TEA. Não obstante, a conexão entre a trajetória e os desfechos clínicos resulta em muitos casos em análises de como o isolamento realizado pela pessoa durante suas fases de crescimento dificultou a identificação da inserção no espectro autista (Gaiato, 2018).

Dessa forma, os seguintes estudos apontam o entendimento de que o impacto psicológico causado pelo diagnóstico tardio do TEA em pessoas adultas se associa a um quadro significativo de sofrimento psíquico, manifestando-se de maneira predominante os sintomas de ansiedade e depressão, o que exige abordagens terapêuticas específicas (Carneiro; Sobral, 2026).

1.1.6 Contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental no acompanhamento em adultos com TEA

De acordo com as descrições apresentadas nos tópicos anteriores, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) se apresenta como um tipo de abordagem relevante no processo de acompanhamento psicológico em adultos que possuem o diagnóstico de TEA tardiamente,

sobretudo, no manejo dos sintomas que se fundam em muitos casos associados à trajetória e às dificuldades apresentadas (Silva; Souza, 2026).

A abordagem da TCC, quando aplicada a adultos com TEA, incorpora interesses específicos dos pacientes e figura em adaptações mais comuns e eficazes da abordagem terapêutica. Assim, a TCC mantém suas técnicas centrais como exposição, respostas, psicoeducação e reestruturação cognitiva, mas ainda consegue estabelecer práticas fundamentais no suporte aos pacientes adultos que fazem parte do espectro (Silva; Souza, 2026).

Especificamente em relação aos adultos, a aplicabilidade da TCC aponta resultados favoráveis no sentido do manejo dos sintomas ansiosos e depressivos quando o protocolo é ajustado de maneira individualizada ao público autista, dando menor ênfase a conceitos abstratos e direcionando as sessões de forma estrutural para trabalhar resultados que sejam contributivos às dimensões clínicas essenciais na intervenção (Carneiro; Sobral, 2026).

Ainda, o manejo adequado da TCC para indivíduos com o diagnóstico de TEA oferece de forma estruturada a construção de tratamento adequado para as crenças disfuncionais que possui após anos de camuflagem dos sintomas apresentados e incompreensão autocrítica dos sentimentos que possuía. A psicoeducação neste ponto cumpre um papel importante ao direcionar o paciente à compreensão sobre a natureza dos seus sintomas ansiosos, depressivos e favorece o direcionamento e ressignificação identitária (Carneiro; Sobral, 2026).

Desse modo, a articulação entre as técnicas cognitivas, comportamentais e de regulação emocional posiciona a TCC como referencial prático e importante para compreender os impactos gerados pelo diagnóstico do TEA em adultos bem como apresenta suporte terapêutico necessário à interpretação dos sintomas atrelados às dificuldades apresentadas pelos pacientes (Carneiro; Sobral, 2026).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Materiais e Métodos

Este estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza exploratório-descritiva, sem coleta de dados primários junto a participantes. Essa escolha se justifica pela natureza dos objetivos propostos, que demandam a articulação entre a literatura sobre diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), os impactos psicológicos associados ao diagnóstico e os aportes da abordagem cognitivo-comportamental para a compreensão e o manejo desses impactos.

O levantamento bibliográfico foi realizado entre junho e outubro de 2026 em português e inglês em bases de dados científicas indexadas (SciELO, PubMed, PePSIC, BVS/Biblioteca Virtual em Saúde e Google Acadêmico), bem como em livros de referência técnica sobre TEA e sobre terapia cognitivo-comportamental, e em monografias, dissertações e teses disponíveis em repositórios institucionais. Foram utilizados os descritores: “autismo”, “adultos”, “impactos psicológicos”, “diagnóstico tardio” e “psicologia”.

Da pesquisa foram encontrados 197 estudos, após a análise de títulos foram excluídos 187 e a análise de resumo excluiu 3, restando 7 na amostra final. Os sete estudos que são apresentados no Quadro 1 tratam sobre o diagnóstico tardio em adultos, correlação com os desafios psicológicos e demais materiais usados no referencial teórico.

A análise seguiu três etapas principais sendo elas a leitura obrigatória dos estudos e material, seleção dos dados e informações, agrupamento dos eixos de pesquisa de acordo com os objetivos específicos e contribuições da TCC.

Os critérios de inclusão foram: estudos empíricos, qualitativos e quantitativos, revisões sistemáticas, integrativas, de escopo, narrativas e dissertações, publicados preferencialmente entre 2018 e 2026, em português ou inglês, que tratassem de diagnóstico tardio do TEA em adultos e de seus impactos psicológicos, incluindo sofrimento psíquico, ansiedade, depressão e camuflagem social. Foram excluídos materiais sem indicação clara de autoria e fonte, estudos sem relação direta com os eixos temáticos da pesquisa e estudos voltados exclusivamente ao TEA em crianças.

O material selecionado está organizado e analisado por meio de análise temática de conteúdo, em três eixos correspondentes aos objetivos específicos: (1) desafios envolvidos no diagnóstico do TEA em adultos; (2) impactos psicológicos associados ao diagnóstico tardio, incluindo ansiedade, depressão e sofrimento psíquico; e (3) contribuições da abordagem cognitivo-comportamental para a compreensão e o manejo desses impactos.

A hipótese foi examinada por meio do confronto de suas proposições com os achados da literatura, a saber: adultos diagnosticados tardiamente com TEA podem apresentar sofrimento psicológico associado a dificuldades de interação social, camuflagem, sentimentos de inadequação e ausência de suporte adequado. Essa verificação teve, portanto, caráter teórico-conceitual, e não-experimental: a hipótese será considerada sustentada na medida em que os achados da literatura convergirem com suas proposições, sendo eventuais lacunas ou divergências discutidas como limites da análise bibliográfica.

Por fim, utilizou-se a ferramenta de inteligência artificial Claude versão Anthropic, acessada em outubro de 2026 como apoio à conferência de dados da tabela e das citações. Todas as informações foram verificadas pelas autoras nos textos originais.

2.2 Resultados e Discussão

Os resultados da seleção dos artigos de literatura estão expressos no quadro abaixo.

Quadro 1 – Artigos selecionados

Autor (Ano)	**Título**	**Objetivo**	**Impactos psicológicos com o diagnóstico de TEA em indivíduos adultos**	**Principais Resultados**
Gikovate; Féres-Carneiro (2025)	Autismo em adultos: relatos de vida após um diagnóstico tardio	Explorar os relatos de vida, presentes e passados, de adultos brasileiros diagnosticados com TEA após os 18 anos.	Dificuldade social como ponto central, com bullying, sentimento de inadequação, ansiedade e depressão antes do diagnóstico; queixas sensoriais; dificuldade com linguagem figurada; rigidez; hiperfoco percebido como vantagem.	Observou-se que a dificuldade social se manteve como algo central, mesmo em um grupo de adultos com quadros de autismo leve, assim como as queixas sensoriais, a dificuldade para o entendimento de linguagem figurada e a rigidez.
Loureiro (2024)	Autismo em mulheres: por que o diagnóstico é tão difícil?	Investigar como as representações sociais e os estereótipos de gênero influenciam o subdiagnóstico de mulheres a	Desgaste emocional, autoconhecimento e autoaceitação mais difíceis, agravamento das dificuldades quando o diagnóstico demora e desgaste emocional pela camuflagem (*masking*)	A complexidade do diagnóstico e a necessidade de abordagens mais inclusivas e adaptadas para otimizar o diagnóstico, reduzir o subdiagnóstico.
Lupindo; Maw; Shabalala	Diagnóstico tardio do autismo:	Explorar as experiências de homens	Antes do diagnóstico: isolamento,	O diagnóstico tardio resultou em oportunidades

(2023)	explorando as experiências de homens diagnosticados na vida adulta	diagnosticados com TEA na vida adulta: sinais não reconhecidos na infância, consequências do diagnóstico perdido ou equivocado e impacto de receber o diagnóstico depois dos 18 anos.	bullying, ansiedade e depressão tratadas sem considerar o TEA, camuflagem exaustiva, estratégias desadaptativas (uso de substâncias, comportamentos de risco), perda de empregos e ideação suicida em dois participantes. Após o diagnóstico: explicação para dificuldades antigas, autoaceitação e estratégias de enfrentamento, junto com sentimento de perda pelo suporte que faltou e poucos serviços para adultos.	perdidas para intervenção precoce para lidar com os comprometimentos associados ao TEA. Receber um diagnóstico forneceu uma explicação para dificuldades de longa data, ofereceu um caminho a seguir em termos de desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e permitiu a autoaceitação.
Mergl (2025)	Diagnóstico tardio de autismo em mulheres: vivências e repercussões em suas vidas	Analisar o processo diagnóstico tardio do autismo em mulheres e as repercussões em suas vidas.	Sentimento de alívio e tristeza por não terem tido um olhar de cuidado antes, invalidações, falta de suporte na educação, não aceitação e falta de suporte no trabalho.	A falta de informação e a predominância de modelos diagnósticos baseados em perfis masculinos dificultam a identificação precoce, tornando essencial uma abordagem mais sensível às particularidades femininas.
Silva (2026)	Diagnóstico tardio em mulheres	Analisar os fatores associados ao	Ansiedade, transtorno na construção da	Necessidade de ampliar o conhecimento dos

	adultas: Contribuições da Neuropsicologia	diagnóstico tardio do TEA em mulheres, destacando a influência das diferenças de gênero, das estratégias de camuflagem social (masking) e dos impactos biopsicossociais decorrentes desse processo	identidade e autoimagem, maior frequência de comorbidades psiquiátricas e clínicas, destacando-se: insônia, transtornos relacionados ao uso de substâncias, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade borderline, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), transtornos de ansiedade, transtornos alimentares, especialmente anorexia, e transtornos de humor, como depressão e transtorno bipolar, podendo estar associado à ideação suicida.	profissionais de saúde sobre as manifestações do TEA em mulheres, bem como desenvolver instrumentos diagnósticos mais sensíveis às diferenças de gênero, favorecendo diagnósticos mais precoces e melhor qualidade de vida para essa população.
Santos et al (2026)	Diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista: repercussões e desigualdades no acesso à saúde mental	Apresentar de que maneira o diagnóstico tardio do TEA impacta o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos, bem como discutir como desigualdades de gênero, classe e raça influenciam o acesso ao	Autopercepção negativa e fragilizada, camuflagem social, maior propensão a depressão, transtorno bipolar e dificuldade de aceitação psicológica.	Evidencia-se ainda que populações de grupos minorizados vivenciam maiores dificuldades no acesso aos serviços de saúde, frequentemente sendo invisibilizadas ou diagnosticadas de forma errônea.

		diagnóstico.		
Soares; Rocha; Nascimento (2026)	Diagnóstico tardio do autismo em mulheres: invisibilidade e sofrimento emocional na vida adulta	Analisar evidências científicas sobre os impactos psicossociais do diagnóstico tardio do TEA em mulheres adultas, destacando fatores que contribuem para sua invisibilidade social.	Ansiedade, depressão, risco aumentado de suicídio, camuflagem social, invisibilidade e ausência de suporte.	É urgente uma mudança de paradigma no diagnóstico do autismo feminino, com maior preparo profissional e políticas públicas voltadas ao autismo adulto.

Os estudos selecionados apresentam que o diagnóstico tardio está associado a um conjunto abrangente de repercussões psicológicas e são apontadas principalmente em fatores como dificuldades na construção de identidade, falta de reconhecimento e suporte. Sob a ótica da análise dos estudos focados em mulheres, foi possível observar a falta de reconhecimento e suporte, embora cada estudo apresente de forma isolada as dificuldades vivenciadas por adultos com TEA ao longo da vida.

A camuflagem social foi apresentada como o elemento mais recorrente entre os estudos que foram analisados, sendo mencionada por Loureiro (2024), Silva (2026), Santos et al. (2026) e Soares, Rocha e Nascimento (2026). Segundo Loureiro (2024), é importante analisar que a pressão social para que as mulheres sejam mais empáticas e socialmente ativas leva muitas adultas autistas a ocultarem o desgaste emocional. Esse entendimento é reforçado por Santos Santos et al. (2026), que esse quadro social, eleva para essa população o risco de comorbidades psiquiátricas devido ao desgaste emocional.

Nesse sentido, o mesmo mecanismo que a mulher autista desenvolve para conseguir se relacionar socialmente, desenvolve um desgaste considerável para que seu sofrimento permaneça de maneira invisível adiando seu diagnóstico de acordo com o estudo apresentado por Santos et al (2026).

Em outro eixo, é destacado nos estudos a relação entre a identidade e a autopercepção em que Silva (2026) aponta uma dificuldade de construção da autoimagem e Santos et al. (2026), indica que a autopercepção negativa e fragilizada contribui para a dificuldade de aceitação psicológica. Loureiro (2024) acrescenta que o diagnóstico tardio torna mais complexo o autoconhecimento e aceitação, sugerindo que sem a explicação adequada, muitas mulheres

passam muitos anos interpretando suas dificuldades como falhas pessoais comprometendo sua autoimagem.

Price (2024) aponta que historicamente o autismo foi associado a uma condição masculina marcada por dificuldades acentuadas e talentos considerados fora do comum. Essa imagem restrita, sobretudo quando se fala sobre as mulheres, deixou parte da sociedade diversa sem maior suporte e apresentações do espectro como pessoas não brancas.

Em relação à saúde mental, os estudos analisados evidenciaram maior frequência de comorbidades. Silva (2026) destacou sintomas como insônia, transtornos relacionados ao uso de substâncias, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade borderline, transtorno de estresse pós-traumático, transtornos de ansiedade, transtornos alimentares, especialmente anorexia, e transtornos de humor, como depressão e transtorno bipolar, os quais podem estar associados à ideação suicida.

Santos *et al.* (2026) indicaram maior possibilidade do desenvolvimento de depressão e transtorno bipolar. Já Soares, Rocha e Nascimento (2026) apontaram ansiedade, depressão e risco aumentado de suicídio. Loureiro (2024), em contraponto relata que a depressão e ansiedade são mais prevalentes em mulheres autistas do que em homens autistas, sendo o risco de suicídio significativamente maior nessa população.

Nesse ponto, é possível compreender uma relação entre os estudos sobre a vulnerabilidade indicada na população feminina e adulta que possui o diagnóstico de autismo tardio. Loureiro (2024) ainda acrescenta que o diagnóstico realizado de forma incorreta e frequentemente associado visto que dificuldades comunicativas são confundidas com introversão.

O estudo de Lupindo, Maw e Shabalala (2023), realizado com dez homens com idades de 25 anos ou mais apresentou um recorte importante em comparação ao levantamento de estudos apresentados com mulheres adultas. Os participantes relataram que os sinais do espectro na infância foram ignorados ou normalizados utilizando como justificativas estereótipos de gênero, por serem meninos. Os participantes do estudo ainda relataram que receberam diagnósticos anteriormente de ansiedade, depressão e transtorno obsessivo-compulsivo, sendo tratados para essas condições e descartada a consideração de autismo.

Após o diagnóstico os homens participantes do estudo de Lupindo, Maw e Shabalala (2023), explicaram que foi possível encontrar explicações para dificuldades antigas, observando os autores que a aceitação relacionava-se diretamente com o apoio da família.

No estudo de Gikovate e Féres-Carneiro (2025), que apresentava como recorte de participantes homens e mulheres adultos diagnosticados após 18 anos de idade, os relatos de

homens e mulheres convergem ao apontar a dificuldade social como eixo central das dificuldades ao longo da vida, associada à sensação de não corresponder às expectativas.

Tais apontamentos se associam aos demais achados ao indicar sofrimento psicológico e uma trajetória sem explicação para as dificuldades. As crenças de inadequação estão presentes em homens e mulheres. Gikovate e Féres-Carneiro (2025) indicam que intervenções voltadas à eliminação de traços autistas, como o hiperfoco, podem ser prejudiciais em vez de oferecer suporte, sendo importante adaptar a TCC para que as características do indivíduo sejam valorizadas.

A falta de suporte também se apresenta como um achado relevante nas pesquisas apresentadas. Segundo Mergl (2025), fatores atrelados aos casos são principalmente experiências de invalidação, ausência de apoio na educação e falta de aceitação e de suporte no ambiente de trabalho. De modo semelhante, Soares, Rocha e Nascimento (2026) apontam invisibilidade e falta de suporte como componentes de sofrimento emocional na vida adulta. Santos et al (2026) corrobora os estudos ao observar que o diagnóstico obtido na vida adulta raramente é validade e respeitado pelos serviços de saúde.

Por fim, cabe mencionar que Mergl (2025) apresenta um ponto pouco mencionado nos demais estudos que trata de como o diagnóstico apresenta um sentimento de alívio ao compreender suas experiências e ao mesmo tempo a tristeza pela inobservância do olhar de cuidado anteriores da vida. Essa ótica dialoga com Loureiro (2024), que destaca a importância de o diagnóstico oferecer autoconhecimento, autoaceitação e reorganização, embora não seja um limitador dos prejuízos acumulados pela concepção tardia.

Nesse sentindo, cabe ainda ressaltar que os estudos analisados são, em sua maioria, qualitativos e revisões, com amostras pequenas. Por isso, os achados indicam associações entre o diagnóstico tardio e o sofrimento psíquico, mas não permitem inferir causalidade nem generalizar os resultados para todos os adultos autistas.

Desta forma, os resultados apontam que o diagnóstico tardio do TEA em adultos produz efeitos que não se limitam à dimensão emocional, identitária, clínica e social. As principais análises entre os estudos estão no encobrimento social e no risco de adoecimento psíquico, enquanto as diferenças se concentram na ênfase dada a cada dimensão e evidencia a necessidade de instrumentos e diagnósticos que possam ser sensíveis às necessidades da população adulta. Por fim, nenhum estudo comparou homens e mulheres; portanto, diferenças entre os grupos não podem ser afirmadas.

3 CONCLUSÃO

Os resultados mostraram que o reconhecimento tardio do transtorno possui repercussão relevante na vida das pessoas e tornando os efeitos impactantes em diferentes esferas da vida como identitária, emocional, clínica e social, se estendendo a consequências diversas.

Em resposta ao problema de pesquisa apresentado, os estudos que foram analisados indicaram que o TEA em adultos e seu diagnóstico tardio, apresenta dificuldades relevantes e distintas entre o antes e o depois do conhecimento de pertencimento ao espectro por parte do indivíduo sendo o sentimento de inadequação incompreendido e muitas vezes tratado de forma errônea.

Após a confirmação, as repercussões são positivas, no sentido de alívio pelo diagnóstico e favorecimento do autoconhecimento, e negativa na ótica de tristeza pelos anos sem suporte e escassez dos serviços voltado para seu atendimento e diagnóstico. Com isso, observou-se que a interpretação dos sintomas, por vezes, aparece de forma equivocada com outros transtornos e a falta de instrumentos preparados para a confirmação do diagnóstico afeta a população adulta com TEA.

Ainda, a hipótese foi sustentada, nos limites dos estudos analisados: adultos diagnosticados tardiamente com TEA podem apresentar sofrimento psicológico associado a uma trajetória marcada por dificuldades de interação social, camuflagem, sentimentos de inadequação e ausência de compreensão e suporte adequados, podendo estar presentes sintomas de ansiedade e depressão.

No que se refere à Terapia Cognitivo-Comportamental, os estudos que foram analisados alertaram que intervenções voltadas para a eliminação de traços autistas podem ser prejudiciais, sendo relevante a adaptação da TCC para valorizar as características do indivíduo. Assim, o foco da intervenção deve ser o sofrimento psíquico e as comorbidades, e não as características do autismo. Em relação a limitação, o estudo indicou uma lacuna sobre pesquisas que adaptam a TCC para adultos diagnosticados com autismo, sendo um tema necessário para pesquisas futuras.

Ainda, indica-se o acompanhamento de grupos adultos de mulheres e homens que tiveram os impactos psicológicos de TEA no sentido de buscar e compreender os efeitos gerados a longo prazo de uma construção de vida sem o conhecimento do transtorno como diagnóstico.

Conclui-se, portanto, que são necessárias medidas que possam desenvolver instrumentos diagnósticos sensíveis às particularidades do TEA em pessoas adultas,

especialmente em mulheres, ampliando as redes de apoio no âmbito da saúde, educação e do ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Hellen Cristina de Oliveira. O diagnóstico do transtorno do espectro autista na fase adulta: uma scoping review. **Revista de Psicologia**, v. 18, n. 71, p. 1-18, 2024. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3964.
Acesso em:23 set. 2026.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. Porto Alegre: Artmed, 2023.

AMERICANO, Roberta Oliveira Santos. **Diagnóstico do transtorno do espectro autista no adulto: o desafio de um instrumento diagnóstico validado no Brasil**. 2024. Monografia (Especialização em Transtornos do Espectro do Autismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/items/44f9d39b-7385-42e8-a5ca-eb5f694c2882. Acesso em: 8 set. 2026.

ANDRADE, Valéria Sousa de; BAGGIO, Marielly Cássia da Silva; LOBATO, Beatriz Cardoso; RICCIOPPO, Maria Regina Pontes Luz; ALMOHALHA, Lucieny. Barreiras atitudinais vivenciadas por adultos com transtorno do espectro autista. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 18, n. 1, p. e18103029, 2026. Disponível em: https://pssa.ucdb.br/pssa/article/view/3029. Acesso em: 3 set. 2026.

CARNEIRO, Marcos Melo Marques; SOBRAL, Louise Cristine Santos. Regulação emocional, ansiedade e depressão no transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática sobre suas relações. **PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**. v. 15, n. 2, 2026. Disponível em: https://doi.org/10.55388/psicofaepsm.v15i2.580. Acesso em: 10 set. 2026.

DEL PORTO, José Alberto; ASSUMPÇÃO JR., Francisco B. (org.). **Autismo no adulto**. Porto Alegre: Artmed, 2023.

GAIATO, Mayra. **S.O.S. autismo: guia completo para entender o transtorno do espectro autista**. São Paulo: nVersos, 2018.

GIKOVATE, Carla Gruber; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Autismo em adultos: relatos de vida após um diagnóstico tardio. **Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 14, n. 1, p. 117-140, 2025. DOI: 10.37067/rpfc.v14i1.1177. Disponível em: https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i1.1177. Acesso em: 27 out. 2026.

LIMA, Janine Juli Morais; FURTADO, Renata Pereira; ANACHE, Alexandra Ayach. Estudos sobre os Instrumentos Diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Psicologia e Saúde**. p. e17183013, 2025. Disponível em: https://pssa.ucdb.br/pssa/article/view/3013.
Aceso em: 1 set. 2026.

LOUREIRO, Jullie Soares. Autismo em mulheres: por que o diagnóstico é tão difícil? **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 11, p. 4009-4021, 2024. Disponível em: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/4506. Acesso em: 20 out. 2026.

LUPINDO, Bomikazi M.; MAW, Anastasia; SHABALALA, Nokuthula. Late diagnosis of autism: exploring experiences of males diagnosed with autism in adulthood. **Current Psychology**, v. 42, n. 28, p. 24181-24197, 2023. DOI: 10.1007/s12144-022-03514-z. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s12144-022-03514-z. Acesso em: 27 out. 2026.

MERGL, Marina Baruchi. **Diagnóstico tardio de autismo em mulheres: vivências e repercussões em suas vidas**. 2025. Dissertação (Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2025.

NETA, Marta Batista de Souza. O despertar tardio: impactos clínicos e psicossociais do diagnóstico de transtorno do espectro autista na vida adulta. **South American Sciences**. Brasil, v. 6, n. 2, p. e26285, 2026. DOI: 10.63330/sasciencesv6n2-064. Disponível em: https://southamericansciences.com.br/index.php/sas/article/view/285. Acesso em: 16 set. 2026.

PRICE, Devon. **Autismo sem máscara: uma jornada de autodescoberta e aceitação.** 1. ed. São Paulo: NVersos, 2024.

SANTOS, Amanda Carine Silva; ANDRADE, Gabriel Benjamim Araújo; JESUS, Hevilly Santos de; ANJOS, Tayla Ariele Moraes dos; OLIVEIRA, Rafael Anunciação. Diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista: repercussões psicossociais e desigualdades no acesso à saúde mental. **Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, ano X, v. 20, n. 35, p. 386-405, jan./jun. 2026. DOI: 10.22481/aprender.35.17238. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/aprender/article/view/17238. Acesso em: 20 out. 2026.

SILVA, Débora Cristina Passos da; AMORIM, Leonidas Alves de; MENDES, Anna Luiza do Nascimento Silva; CAVALCANTE, Daniele Mejia. Avaliação de transtornos do espectro autista (TEA): validação de instrumentos de rastreamento para adultos. **REMUNOM: Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 13, n. 06, 2026. DOI: 10.66104/f1h6t821. Disponível em: https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/pt_BR/article/view/6174. Acesso em: 8 set. 2026.

SILVA, Maria Carolinne Claudino da; SOUZA, Jackeline Maria. Impactos do diagnóstico tardio do TEA na saúde mental: uma revisão integrativa. **Psicologia e Saúde em Debate**. v. 12, n. 1, 2026. DOI: 10.22289/2446-922X.V12A1A93. Disponível em: https://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/1604. Acesso em: 16 set. 2026.

SILVA, Julia Beatriz Mendes e. Diagnóstico tardio em mulheres adultas: contribuições da neuropsicologia. **Research, Society and Development**, [*S. l.*], v. 15, n. 9, p. e10315951449,

2026. DOI: 10.33448/rsd-v15i9.51449. Disponível em: https://rsdjournal.org/rsd/article/view/51449. Acesso em: 20 out. 2026.

SOARES, Alessandra Moreira de Souza; ROCHA, Viviana Alexandra Aragão da; NASCIMENTO, Roberval Pereira do. Diagnóstico tardio do autismo em mulheres: invisibilidade e sofrimento emocional na vida adulta. **Psicologia e Saúde em Debate**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 739-750, mar. 2026. DOI: 10.22289/2446-922X.V12A1A41.

VOLKMAR, F. R. WIESNER, L. A. **Autismo: Guia Essencial para Compreensão e Tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2018.